

MARIA JOSÉ JUSTINO



MULHERES NA ARTE. QUE DIFERENÇA ISSO FAZ?



Museu Oscar Niemeyer

Women in art. What difference does it make?



MARIA CHEUNG

Nui (fragmento), 2002.
Cerâmica e samburá
(ceramics and fishing net).
Casa Andrade Muricy,
Curitiba, Brasil.
Foto (picture): Maria Cheung.

Cheung

NOS VESTÍGIOS DA DOR*



O ceramista transforma-se no barro que amassa e deixa revelar o homem que é. Daí a necessidade de preparação interior, do descobrimento da personalidade, do burilar o caráter. Tudo isso se torna mais importante que a própria técnica.

Toyo Tameshigue

Maria Cheung é uma artista devotada à matéria. Inicia seu trabalho com a cerâmica, linguagem que vai explorar ao limite, o que lhe permite atingir outras regiões, alargando a cerâmica à escultura e chegando às instalações. Cria, com isso, um intenso diálogo entre fazer e reflexão, mão e pensamento. Recorre a uma técnica milenar para alçar uma linguagem contemporânea. Partindo da corporeidade do mundo, seduzida pela radicalidade da matéria bruta, pela terra vertida no barro, vai tecendo, nos intervalos da matéria, formas de uma elegância sublime, fina e, ao mesmo tempo, perturbadora. Essa sutileza não impede uma força descomunal em seus trabalhos, traduzida na sua inclinação para o universo violento da situação da mulher chinesa. Dos sacrifícios da dor daquela mulher lapidada para se acomodar ao padrão estético, enclausurada por milênios de tradição, sua obra atinge a mulher de outras culturas. Trata-se de uma artista em que a arte ocidental dialoga com cultura zen, o Ocidente interage com Oriente, resultando em uma obra instigadora e profunda. Toda essa aventura passa pela escolha da cerâmica como linguagem.

A cerâmica, arte das mais antigas, tem no barro a sua origem. É profundamente labiríntica, pois é guardiã dos vestígios da vida. Elegância, simplicidade, elementos na justa medida e refinamento são as características da obra de Cheung. Sua arte é tão requintada quanto a sua cultura de origem, a chinesa.

somos barro nas mãos do Senhor. Deus criou o homem a partir da poeira umedecida: soprando-a, deu-lhe o espírito. E sabemos da fragilidade do barro, da fragilidade do ser humano. O barro possibilita moldar todas as formas, gestos perdidos, gestos encontrados, incita a concretização da imaginação material, mas pode se esfacelar facilmente. É a própria imagem da vida, força e fragilidade.

Cheung confessa que a riqueza maior do contato com Megumi foi descobrir o uso da cerâmica como suporte. O mestre fazia também utilitários, porém seu forte eram as cerâmicas-esculturas carregadas de poesia. Explorava a matéria chegando a uma transcendência, tecendo uma fina poética do barro, "uma obra feita de crepúsculos", como diria Jacob Klintowitz (2011).

Megumi e a cultura chinesa germinam a artista. A cerâmica exige uma sensibilidade ímpar. No terreno profano, os chineses desenvolveram uma tecnologia com a cerâmica de alta temperatura que exige uma argila especial (petunse), translúcida e sonora, e uma queima de 1300 °C. É a descoberta da porcelana (dinastia mongol). A olaria é uma arte que guarda um grande potencial, desde a elaboração das formas até a cozedura. Tudo isso cobra uma técnica aprimorada no controle das diferentes temperaturas às variações e resultados. Um grande oleiro tem conhecimentos de química e física. Mas, para ser artista, carece mais: precisa morar na filosofia e alcançar uma poética. Para atingir essa técnica, é preciso dominar o fogo. Como Chagall, Cheung entendeu a profunda relação da cerâmica com o fogo: "A cerâmica é a aliança da terra com o fogo, nada mais; se você der ao fogo algo amável, ele lhe devolverá um pouco, mas se for algo desagradável, tudo quebra, não restará nada, não haverá nada a fazer, o julgamento do fogo é impiedoso" (CHAGALL apud SORLIER; MALRAUX, 1972, p. 15).

Também o filósofo já havia intuído a sabedoria dos elementos: "A morte da terra é tornar-se água e a morte da água é tornar-se ar e a do ar, fogo, e vice-versa" (HERÁCLITO, 2002, p. 129). O barro é dócil, mas oferece resistências. É uma matéria inquieta, difícil de dominar. Exige sensibilidade apurada.

Ao mesmo tempo em que aprofunda essa técnica milenar e domina a relação barro-fogo, aumenta cada vez mais o interesse de Cheung pelo imaginário chinês. Chega a ser comovente o testemunho da sua condição de estrangeira: "Foi importante para mim resgatar, repensar a minha cultura. Para ser aceita neste país (Brasil) eu a neguei por muito e muito tempo" (CHEUNG, 2007).

Tem lugar a primeira instalação, *Tao Tao*, com 11 peças (ou mandalas), montadas no MAM (Bahia), e a *Tao K'un*, com nove discos, no 53º Salão Paranaense,

MARIA CHEUNG
Nui, 2001.
Cerâmica, caixotes de madeira
(ceramics, wooden crates).
Col. MAC, PR, Brasil.
Foto (picture): Maria Cheung.

